

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
26 de Novembro de 2020  
SÓ O CINEMA

## LE GENOU D'ARTEMIDE - IL GINOCCHIO DI ARTEMIDE / 2007

*Um filme de Jean-Marie Straub*

*Argumento:* Jean-Marie Straub, baseado em “Dialoghi con Leucò”, de Cesare Pavese / *Imagem (35 mm, cor):* Marion Befve, Renato Berta, Jean-Marie Straub, Jean-Paul Toraille / *Música:* trechos de Mahler e Schütz / *Montagem:* Nicole Lubtchansky / *Som:* Jean-Pierre Duret, Dimitri Haulet, Jean-Pierre Laforce / *Interpretação:* Andrea Bacci, Dario Marconcini.

*Produção:* Martine Marignac, para Pierre Grise Productions (Paris) / *Cópia:* 35 mm, versão original em italiano, com legendas electrónicas em português / *Duração:* 26 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Cinemateca Portuguesa, 23 de Setembro, no âmbito do ciclo “Cinemateca: 50 Anos”.

\*\*\*\*\*

**Le Genou d'Artemide** é apresentado com **Quem Espera por Sapatos de Defunto Morre Descalço**, de João César Monteiro e com **Wolfram – A Saliva do Lobo**, de Joana Torgal e Rodolfo Pimenta (“folha” distribuída em separado).

\*\*\*\*\*

**Le Genou d'Artemide** foi o primeiro filme realizado por Jean-Marie Straub depois da morte de Danièle Huillet, em 2006. O casal foi inseparável durante meio século e Danièle Huillet co-assinou a realização de todos os filmes em que trabalharam juntos, com três exceções: **Machorka-Muff**, **Crónica de Anna Magdalena Bach** e **Die Bräutigam, dir Kömödiatin und der Zuhälter**. Juntos, o par formou um terceiro ente, um realizador bicéfalo chamado Straub-Huillet. Muitos pensaram que a morte de Danièle Huillet significaria o fim da atividade de Jean-Marie Straub, a sua morte cinematográfica. Mas tal não foi o caso e Straub teve forças para continuar a trabalhar sozinho durante algum tempo, antes buscar apoio numa substituta e de diluir inegavelmente o seu cinema. Com **Le Genou d'Artemide** (ou talvez mais propriamente **Il Ginocchio di Artemide**), Straub prestou uma homenagem póstuma a Danièle Huillet, tanto mais comovente que esta homenagem é indireta, velada, feita em surdina, entre as linhas. O filme é um sublime trabalho de luto, semi-silencioso, convexo, indireto, o que o torna mais pungente. São três os indícios principais, inseridos na matéria do filme, desta homenagem e deste trabalho de luto, deste adeus que também é um diálogo: a) Straub reatou com um texto de Pavese, os *Dialoghi con Leucò*, que ele e Huillet já tinham abordado em dois filmes (**Dalla Nube alla Resistenza** e **Quei Loro Incontri**), continuando deste modo um trabalho específico que tinha feito com ela, como se ela ainda estivesse presente neste trabalho posterior à sua morte; b) Ao fim do breve genérico de início, a imagem passa ao negro, à ausência de imagem, enquanto ouvimos o desenlace de *A Canção da Terra*, de Mahler, o *Abschied*, o adeus à vida: “Busco descanso para o meu coração solitário. Estou a caminho de casa, do meu abrigo. O meu coração está sozinho e espera o seu momento”; c) Num eco direto a estes versos, a última réplica do filme é: “Não tens outro bem, a solidão selvagem é tua. Ama-a” e a esta réplica segue-se um breve percurso da câmara pelo bosque vazio e silencioso de vozes humanas, mas habitado pela lembrança de Danièle Huillet, a sua presença/ausência. Não será exagero dizer que Straub poderia ter posto em epígrafe a este filme o verso latino que André Gide utilizou como título de um diário íntimo, que como o filme de Straub também é um trabalho de luto: *E agora ela permanece em ti*.

Straub e Huillet são cineastas do deserto. Têm uma nítida identificação com a figura de Moisés, que ouvia a voz do Eterno na sarça ardente enquanto a turba adorava um bezerro de ouro. A réplica de Moisés ao povo hebreu em **Moses und Aron** (“Mas no deserto vós sois invencíveis”) poderia servir de epígrafe ao admirável percurso que tiveram. São cineastas do mundo mineral: as encostas do Etna, o Fórum romano, uma moderna cidade. Em alguns filmes, olham para uma

paisagem fértil, porém agrícola e não natural (e por isso, fonte de conflitos sociais: **Trop Tôt, Trop Tard**), na qual não penetram e que pode desembocar numa montanha, num monumento mineral natural (**Cézanne**). O mundo em que predomina o elemento vegetal, o mundo aparentemente acolhedor que não espicaça, enxuga ou endurece, é quase uma anomalia neste cinema da resistência. Inteiramente situado num bosque, **Le Genou d'Artemide** é um dos dois únicos exemplos desta "anomalia" no interior desta obra. Mas apesar do filme se situar na "*casa da língua italiana*" e não na "*casa da língua alemã*", apesar da profusão vegetal, apesar de se tratar de um filme de vinte e cinco minutos e não de uma longa-metragem e apesar da imensa diferença entre Hölderlin e Cesare Pavese, **Le Genou d'Artemide** pode ser cotejado com **Der Tod des Empedokles**. As imagens têm o peso e a densidade excepcionais que caracterizam o cinema de Straub-Huillet, que passou a ser só de Straub. O filme consiste na recitação de um texto de uma beleza imensa e enigmática, dito de modo não convencional, straubiano, por dois atores que o conhecem a fundo, o que também é muito straubiano. Num bosque cheio do rumorejar do vento nas árvores e do pipilar de pássaros, instala-se um diálogo entre dois homens. Um está sentado e o outro de pé, a alguma distância um do outro, podendo ou não estarem simultaneamente no plano. Nada jamais é deixado ao menor acaso neste cinema, que permite ao espectador ver e ouvir com uma agudeza extremamente rara. Na organização de Straub, todo este diálogo procede por planos fixos, as mudanças de ângulo são sempre feitas por cortes súbitos e perfeitos, jamais por um movimento de câmara. Começamos por ouvir uma voz fora de campo (não em *off*), depois vemos a pessoa que emite esta voz. Mas de início, não vemos o rosto do homem, que só veremos alguns planos mais tarde. Estes elementos, esta progressão por pequenas etapas, estas ligeiras mudanças de ângulo e na escala de planos, criam uma estrutura narrativa quase musical - apesar da presença permanente do verbo, da magnífica palavra de Pavese - que desemboca subitamente no que poderíamos chamar a segunda parte ou o epílogo do filme: o bosque vazio, a vida que continua sem nós, a vida de Jean-Marie Straub que tem de continuar depois da morte de Danièle Huillet. No genérico de fim, em eco ao adeus à vida cantado no início, um canto de Schütz, mensagem cifrada daquele que ficou àquela que permanece nele.

Antonio Rodrigues